

Representação e aprendizagem de uma língua estrangeira: status da língua francesa em contexto urbano e de fronteira

Telma Pereira
Pontificale Université Catholique de Rio de Janeiro



Synergies Brésil n° 7 - 2009 pp. 101-111

Résumé: *Cet article présente quelques réflexions qui résultent d'une enquête sociolinguistique sur les représentations linguistiques menée dans la zone frontalière entre le Brésil et la Guyane Française et en milieu universitaires à Rio de Janeiro. Les données ont été prélevées par questionnaires et entretiens et nous comparerons les résultats obtenus dans les deux différents contextes (urbain et frontalier) en y observant la place du français.*

Mots-clés: *Représentation linguistique, politique linguistique, langues en contact, enseignement*

Resumo: *Este trabalho apresenta algumas reflexões decorrentes de uma pesquisa sociolinguística sobre representação linguística na fronteira Brasil-Guiana Francesa e em meio universitário no Rio de Janeiro. Selecionamos como informantes moradores do Oiapoque (trabalhadores e estudantes) e estudantes de universidades cariocas. Os dados foram coletados através de questionários e entrevistas semi-estruturadas. Correlacionamos aqui os dois diferentes contextos (urbano e de fronteira) e observamos o papel reservado ao francês.*

Palavras-chave: *Representação linguística, política linguística, línguas em contato*

Abstract: *This article brings forward the observations resulting from the qualitative/quantitative study of sociolinguistic representation in the border region between Brazil and French Guiana, in conjunction with distinct university environments in Rio de Janeiro. We chose, as informers, residents from Oiapoque (both workers and students) and undergraduates from universities in Rio de Janeiro. The data was collected via questionnaires and semi-structured interviews. We correlate two different environments (urban and border region) and observe the role played by French.*

Key words: *linguistic representation, linguistic policy, language contact.*

Introdução

A configuração política mundial em blocos regionais tem sido uma das razões para a mudança do status funcional das línguas, a saber: línguas oficiais, de trabalho, nacional. O Tratado de Roma que oficializou a criação da União Européia¹, por

exemplo, estipulava que as seis línguas oficiais dos países membros seriam as línguas oficiais da União. Atualmente, a política lingüística da União Européia é pautada pela promoção do multilingüismo viabilizada pela criação de diferentes projetos de educação e de formação nos quais o aprendizado de língua tem um lugar de destaque.²

Do ponto de vista lingüístico, o contexto dos blocos econômicos revela ainda questões como o predomínio de uma língua sobre outra, o papel das línguas minoritárias, bem como a importância do ensino de línguas como um propulsor da inclusão / exclusão social. Neste cenário, as línguas passam a fazer parte dos contextos das interações econômicas.

Nas últimas duas décadas, temos observado que as ações em termos de política lingüística no Brasil se concentram nos direitos lingüísticos dos falantes de línguas autóctones e alóctones, na promoção da língua portuguesa e nos acordos lingüísticos no âmbito do Mercosul (Mercado Comum do Sul), bloco econômico que começou a ser gerado em 1985 e que foi estabelecido em 1991, através do Tratado de Assunção³.

No caso do Mercosul, uma de suas ações prioritárias do setor educativo trata da promoção do ensino das línguas oficiais de seus países membros, a saber, o espanhol e o português. Essa promoção tem lugar no sistema educativo, incluindo além do ensino das línguas em questão, a formação de professores de línguas e a elaboração de programas bilíngües de educação intercultural. Os programas de cooperação acadêmica entre as universidades dos países do Mercosul também contribuem para que a língua espanhola e a língua portuguesa ocupem um status mais significativo no cenário acadêmico. É, portanto, nesta esfera que se encontra a mais recente ação concernente a uma política lingüística para o ensino de línguas: a lei nº 11.161⁴, de 5 de agosto de 2005, dispondo sobre a obrigatoriedade do ensino do espanhol.

A linha que atua na promoção da língua portuguesa tem em sua participação na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) uma de suas principais frentes de ação. Esta Comunidade destaca em seus objetivos a palavra cooperação: *A cooperação em todos os domínios, inclusive os da educação, saúde, ciência e tecnologia, defesa, agricultura, administração pública, comunicações, justiça, segurança pública, cultura, desporto e comunicação social.*⁵ A CPLP salienta que é preciso que os países lusófonos entendam a relevância do idioma português nas políticas cultural e patrimonial e que atentem para o valor econômico da língua portuguesa. O Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), que integra a CPLP, tem por objetivos a planificação e execução de programas de promoção, defesa, enriquecimento e difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização em fora internacionais.

No que concerne ao aprendizado de línguas estrangeiras, os programas de cooperação científica promovidos pelas agências de fomento à pesquisa e pelas universidades favorecem as práticas *in vivo* na medida em que acabam por influenciar as escolhas das línguas que o público universitário decide aprender.

Se considerarmos o “mercado lingüístico” de alguns centros universitários de línguas, observaremos que a relação entre a procura e a oferta tem uma estreita relação com os programas de intercâmbio universitário; em outras palavras, quanto mais dinâmica a mobilidade acadêmica no âmbito de uma determinada língua presente na cooperação internacional, maior será a procura por seu ensino.

Considerando as duas formas de política lingüística, observamos que no caso no Oiapoque, cidade localizada na fronteira com a Guiana Francesa, há exemplos de práticas oficialmente legisladas e outras que emanam da iniciativa civil, da população local, de grupos de indivíduos. Trata-se de uma região onde há, além de línguas, políticas lingüísticas em contato (Pereira, 2008): a política lingüística do Brasil para as línguas indígenas e para o ensino de línguas; a política regional do estado do Amapá para a promoção do francês; a política lingüística da França, na cidade fronteiriça de Saint-Georges, as escolhas lingüísticas relacionadas a determinadas práticas religiosas. Neste contexto, a promoção da língua francesa na cidade brasileira é justificada pelas autoridades locais e por uma parcela da população através de critérios comerciais e sociais, uma vez que os moradores de ambas as localidades (Oiapoque e Saint-Georges) possuem muitas vezes relações de amizade ou de parentesco.

A análise aqui apresentada foi baseada em pesquisas de campo que realizamos entre 2006 e 2008 envolvendo dois contextos sociolingüísticos bastante distintos: o município do Rio de Janeiro e o município do Oiapoque. No município do Oiapoque, a pesquisa de campo foi desenvolvida no âmbito de um projeto de cooperação científica entre a PUC-Rio e a Université de Provence⁶. Esta universidade foi representada pelo Professor Louis-Jean Calvet que participou da elaboração dos questionários aplicados e orientou metodologia a ser aplicada, a saber, aquela inspirada em suas pesquisas na África. Louis-Jean Calvet integrou ainda equipe de trabalho de campo no Oiapoque e analisou parte dos dados levantados (Calvet, 2009).

Propomos neste trabalho a observação das representações lingüísticas relacionadas à língua francesa em uma região de fronteira, local onde é possível observar, com maior freqüência, fenômenos resultantes do contato lingüístico, e em um grande centro urbano onde o multilingüismo não têm necessariamente uma vocação identitária, mas nos quais a importância da mundialização exerce um peso importante.

1. Representação lingüística no Oiapoque e no Rio de Janeiro

Na pesquisa sobre representação lingüística foram entrevistados no Rio de Janeiro 114 estudantes de cinco universidades, e no Oiapoque 137 trabalhadores de diferentes setores da economia local. Trata-se de dois contextos sociolingüísticos com diferenças acentuadas que, ao tratar da representação das línguas, adotaram uma postura com pontos semelhantes.

O conceito de representação foi aventado nesta pesquisa porque consideramos que o mesmo constitui um dos primeiros passos para a elaboração de uma política

lingüística, além de ser um elemento importante no processo de apropriação de uma língua. Para essa pesquisa, nos baseamos nos trabalhos sobre representação e atitude lingüísticas desenvolvidos por Houdeline-Gravaud (2002) e por Calvet (1999).

No conceito de “imaginário lingüístico” definido por Houdebine-Gravaud (2002:11) a autora desenvolve a idéia de sentimentos lingüísticos sobre as línguas, sobre a valorização e a desvalorização das formas lingüísticas. Calvet (1999:158) utiliza duas categorias para tratar da representação: *práticas* e *representações*, em que as práticas lingüísticas representam “o que os locutores produzem” enquanto que as representações simbolizam a maneira como os falantes pensam as suas práticas, como eles se situam em relação aos outros falantes. Para este autor, as representações estariam mais ligadas às funções desempenhadas pelas línguas.

Para entendermos a relação representação/função nas duas cidades, é preciso que nos detenhamos brevemente ao seu contexto sociolingüístico: nas duas cidades temos línguas diferentes, que exercem funções diferentes. No Oiapoque, há línguas indígenas (palikur, patuá) que são línguas vernaculares, línguas de alfabetização e são utilizadas em determinadas situações institucionais (na FUNAI, em reuniões e no atendimento em um hospital da região); o francês e o crioulo são utilizados nas interações cotidianas (trabalho e lazer) e o português, na escola, na mídia, nas interações de uma maneira geral.

No Rio de Janeiro, depois do português, a língua inglesa tem um papel relevante nas funções externas; a cidade possui uma concentração de cursos tradicionais de língua inglesa totalizando 132 filiais, sem considerar os cursos oferecidos pelos centros universitários de línguas, por ONGs e os diversos cursos privados de menor porte. A mesma profusão de cursos, em diferentes bairros do município, desde àqueles com maior índice de IDH àqueles socialmente menos favorecidos, não é observada em relação a outras línguas, como o francês e o alemão. Tal oferta é ainda reforçada pela opção do inglês como primeira língua estrangeira no sistema de ensino, e pelas escolas bilíngües em língua inglesa. Esta concentração de oferta nos dá uma idéia da demanda do mercado lingüístico local.

No município do Oiapoque, por sua vez, dentre os seus 20.226 (IBGE, 2008⁷) habitantes, cerca de 5 mil são indígenas, distribuídos nos grupos Karipuna, Galibi, Galibi Marworno e Palikur. Além das línguas indígenas Galibi e Palikur, alguns índios utilizam o patuá como língua comum, o português para comunicação com a população brasileira e o francês com aqueles que moram na Guiana Francesa. O município possui três escolas públicas em zona urbana (apenas uma oferece o Ensino Médio) e 27 escolas em zona rural, incluindo as escolas nas aldeias indígenas. O aprendizado formal de línguas estrangeiras ocorre na escola, a partir da 5^a série do ensino fundamental, e a língua estrangeira adotada é o francês, em consonância com a política lingüística do estado do Amapá. A oferta de cursos de línguas estrangeiras fora deste contexto (inglês e francês) cabe geralmente às iniciativas de professores particulares.

2. Metodologia

Para a elaboração dos questionários aplicados consideramos o aporte dos trabalhos de Chaudenson (1991) sobre a análise das situações lingüísticas. Observamos as línguas em contato nessa região considerando seu *status* e seu *corpus*. Chaudenson atribui ao *status* as seguintes funções: uso oficial, religião, educação, uso pela mídia, representações. E quanto ao *corpus*: apropriação lingüística, a relação entre língua veicular e língua vernácula, a competência, a produção e o consumo linguageiros. No Oiapoque, efetuamos também observações *in loco* na cidade vizinha de Saint Georges (Guiana Francesa) para observar as interações cotidianas e práticas religiosas em algumas comunidades lingüísticas da região.

O questionário sobre representação continha as seguintes questões: *Qual língua(s) você gostaria de aprender e por quê? Qual língua(s) você acha mais bonita? Qual língua(s) você acha mais útil? Qual língua(s) você acha mais fácil? Qual língua(s) você considera mais difícil? Há regiões no Brasil em que se fale mais de uma língua? Quais regiões?* A formulação das questões permitia que as respostas fossem abertas o que nos possibilitou apreender o imaginário lingüístico dos entrevistados. Apresentamos a seguir algumas das respostas:

língua	% Oiapoque	% Rio
francês	34,9%	45%
português	24%	19%
inglês	23,7%	15%
espanhol	15%	15%
italiano	0%	17%
alemão	0%	5,8%
japonês	0%	5,8%
patuá palikur	1,6% 0,8%	Não mencionado

Tabela 1: **Que língua(s) você acha mais bonita?**

A representação quanto à beleza da língua se mostra favorável ao francês nas duas localidades. No Oiapoque, temos alguma referência às línguas indígenas, pois as mesmas fazem parte do repertório local das línguas em contato. No Rio, apenas as línguas alóctones são citadas como bonitas.

língua	Oiapoque	Rio
francês	37,1%	4,3%
português	30%	6,5%
inglês	24,4%	95%
espanhol	15%	13,5%
patuá	1%	Não mencionado
palikur crioulo	1% 1%	Não mencionado

Tabela 2: **Que língua(s) você acha mais útil?**

Aqui o francês aparece como muito mais útil no Oiapoque, e neste caso, o uso local da língua é determinante. A posição do inglês no Oiapoque pode ser justificada pela presença da Internet; não há livrarias no município, mas há pelo menos mais que três *lan houses* na cidade, (sempre muito freqüentadas). Há, também, um fluxo de turistas estrangeiros (ainda que grande parte seja francófona), e nas casas de festas da cidade os ritmos brasileiros e caribenhos dividem espaço com músicas em inglês. No Rio, o francês não se destaca por sua representação utilitária, embora a demanda por esta língua nos centros universitários de línguas denote o contrário. Aliás, no Rio, as campanhas publicitárias de cursos de francês têm se empenhado em associar a imagem da língua a contextos de negócios, viagens, trabalho, etc.

língua	Oiapoque	Rio
português	31,4%	9,6%
francês	33%	5,2%
espanhol	21,3%	47%
inglês	9,4%	29%
patuá	1,6%	0%
italiano	0,8%	4,8%
japonês	0,8%	
chinês	0,8%	

Tabela 3: Que língua(s) você acha mais fácil?

Nesta questão temos duas línguas consideradas como mais fáceis: o espanhol e o francês: no Rio, os entrevistados comentavam não sentir dificuldades em compreender essa língua. No Oiapoque, alguns entrevistados assumiam que podiam compreender e mesmo falar um pouco em francês em razão da *convivência*.

língua	Oiapoque	Rio
inglês	40%	7%
francês	23,2%	8%
japonês	12,5%	31%
chinês	5%	7%
espanhol	4,2%	Não mencionado
alemão	2,4%	29%
taki taki	1,8%	0%
português	1,8%	6%
línguas indígenas	2,4%	
etc.		

Tabela 4: Que língua(s) você considera mais difícil?

A dificuldade aparece associada nos comentários dos entrevistados ao distanciamento do uso da língua ao seu aspecto gráfico e sonoro e, por fim, ao seu aprendizado formal de uma maneira mais geral. No Rio, as línguas citadas como as mais difíceis são primeiramente as línguas de origem não latinas, mas que são também línguas de imigração no Brasil (alemão e japonês). Essa representação está provavelmente associada à história da formação da sociedade fluminense, marcadamente sob a influência dos negros e dos portugueses, o que assinala um

distanciamento cultural com relação aos fluxos migratórios predominantes em outras regiões do país.

No Oiapoque, o francês é ao mesmo tempo a língua mais fácil (aprendizado não formal) e a segunda mais difícil (aprendizado formal). Ressaltamos que o francês aparece no Oiapoque como a língua que a maioria gostaria de aprender (57%), seguido pelo inglês (23%). No Rio, a maioria disse querer aprender o inglês (80%), seguido do espanhol (30%) e do francês (25%). Vale notar que no Rio a maioria sempre mencionava o inglês acrescido de mais uma língua.

língua	Oiapoque	Rio
francês	32,4%	
inglês	18,7%	13,5%
espanhol	15,5%	10,9%
crioulo	6%	
línguas indígenas	5,4%	13,5%
japonês	4,6%	
alemão	2,8%	5,2%
patuá	2,8%	tupi 3,9%
italiano	2,8%	3,4%
taki taki etc.	3,2%	Não mencionado

Tabela 5: **Que língua(s) se fala no Brasil**

Nesta última questão, a presença da língua francesa na região do Oiapoque foi facilmente apreendida nas respostas, enquanto que os informantes cariocas quase não a citaram; os nomes das línguas indígenas nem sempre eram especificados nas respostas entre os entrevistados do Rio.

No Oiapoque, observamos que a representação linguística dos entrevistados mostra-se associada a uma visão muito pragmática do uso da(s) língua(s), ou seja, com a função que estas têm no seu entorno imediato, e mesmo com a vinculação que mantêm com o município. A noção de identidade como algo não estático pode ser aplicada a esta análise: de um lado, muitos entrevistados se apegam em seu discurso a uma identidade “original” do lugar de onde emigraram; de outro, o desejo de adoção do francês como língua de trabalho, como língua que gostariam de aprender (muitos enfatizaram que se trataria de um aprendizado formal, não apenas devido à “convivência”) relaciona-se principalmente à sobrevivência e à adaptação ao contexto que os atraiu para o Oiapoque.

De modo geral, a comparação entre os dois municípios mostra uma organização gravitacional das línguas diferente entre o Oiapoque e o Rio. O lugar reservado ao inglês (língua estrangeira mais ensinada no Rio) e ao francês (língua veicular no Oiapoque) apresenta muitos contrastes. Para o público universitário carioca, o inglês faz parte do dia-a-dia, através das leituras, de filmes, músicas e de experiências concretas de viagens, etc. No entorno linguístico do Rio, a

marcação em inglês também é mais comum que no Oiapoque. A marcação lingüística nas fachadas dos estabelecimentos comerciais do Oiapoque e nas placas públicas, muitas vezes em francês, corrobora o conceito da estratégia da condescendência proposto por Bourdieu (2001), no qual a mensagem é: *estamos entre nós; eu falo como vocês*, ilustrando dessa maneira como a troca lingüística também é uma troca econômica.

A língua francesa é exibida no Oiapoque como um convite à troca econômica com aqueles que cruzam a fronteira para gastar em euros no lado brasileiro, marcando assim sua presença simbólica. A recíproca não é evidentemente verdadeira: a marcação lingüística em Saint-Georges é predominantemente em francês ou crioulo. Se a migração tem sido uma via de mão única (Brasil - Guiana), as trocas comerciais por sua vez nem tanto.

As representações lingüísticas apreendidas nas duas localidades mostram o destino reservado ao francês como língua estrangeira (FLE), ou seja, um futuro aparentemente favorável.

3. Os centros universitários de línguas: uma via para o plurilingüismo

Árabe, inglês, francês, chinês, espanhol, alemão, hebraico... Este é geralmente o leque de escolhas que os centros universitários de línguas oferecem à comunidade acadêmica e a comunidade externa. Os fatores que irão regular a escolha estão geralmente associados a algum dos critérios que constituem a representação da língua para o indivíduo, sendo que aqueles da beleza e da utilidade são os mais freqüentes. Como professora de um centro de línguas observamos que a língua francesa preenche esses dois critérios e vem por isso mantendo uma demanda significativa nesses centros.

A relação entre os programas de intercâmbio e o desenvolvimento do ensino de línguas em meio universitário é praticamente direto. A cooperação educacional entre Brasil e França é a mais antiga que o país possui. Ela teve início formal em 1948, com a assinatura do acordo cultural bilateral, mas remete à fundação da Universidade de São Paulo (USP), na década de 30, por um grupo de renomados professores franceses, como Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss, que veio ao Brasil para dar aulas na instituição. A contribuição desses professores foi decisiva para a modernização das ciências sociais no país e para fazer da língua francesa naquele momento uma língua de peso científico.

Atualmente, a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior mantém seis programas de cooperação internacional) com a França: MATH AmSud, STIC AmSud, Brafitec, CAPES/Brafagri, Cofecub e o Colégio Doutoral Franco Brasileiro. Além dos programas da Capes, as universidades estabelecem parcerias com universidades estrangeiras através de seus programas de cooperação internacional ampliando a mobilidade de professores, pesquisadores e estudantes. A PUC-Rio, por exemplo, tem mantido programas de convênio não apenas com a França, mas também com a Alemanha, os Estados Unidos e a Espanha com programas de dupla-diplomação nas seguintes universidades:

- Écoles Centrales -- Lille, Paris e Lyon - França (Engenharia)
- École de Mines de Nancy - França (Engenharia de Produção, Elétrica e Química)
- L'École Nationale Supérieure des Télécommunications (Paris) - TELECOM - França (Engenharia)
- INSA Lyon e INSA Toulouse - França (Engenharia)
- Braunschweig - Alemanha (Engenharia)
- San Diego State University - EUA (Administração)
- Universidad Valladolid - Espanha (Matemática)
- Politécnico di Milano - Itália (Engenharia)

Nas discussões apresentadas durante o 1º Encontro de Centros Universitários de Línguas, em maio de 2008, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, observamos que na maioria dos centros há uma forte demanda pela língua francesa. É o que ocorre, por exemplo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde além do curso oferecido pelo seu centro de línguas (IPEL), o ensino da língua também é oferecido como disciplina eletiva, e em ambos a procura tem sido significativa por alunos de diferentes cursos, muitos dos quais com o objetivo de seguir estudos em um país francófono, geralmente a França, através do programa de intercâmbio.

Neste ponto, observamos uma ligeira discrepância entre a representação lingüística e sua demanda. No caso do Rio, a representação do francês nos parece cristalizada ainda como uma língua de elite, em estereótipos sofisticados. Os mesmos estudantes que responderam ao questionário ainda não assimilaram a possibilidade da utilidade da língua, embora se apressem em aprendê-la com objetivos de uso bem definidos. Na região do Oiapoque, como assinalamos anteriormente, a língua francesa já faz parte do cotidiano das pessoas. Além da possibilidade mais imediata de participar de intercâmbios, os alunos costumam justificar sua presença ali em razão do preço mais acessível se comparado àquele proposto por alguns cursos de francês. Os centros universitários desempenham assim um papel na democratização do acesso ao aprendizado de línguas estrangeiras, contribuindo positivamente para o que Wolton (2006: 109) chama de terceira mundialização, caracterizada pelo vínculo constante entre cultura e comunicação, e pela necessidade no plano mundial de organizar a convivência cultural.

Considerações finais

A pesquisa sobre representação lingüística que apresentamos aqui se baseou em dados parciais visto que consideramos apenas amostras levantadas em duas regiões. Acreditamos que uma pesquisa de maior abrangência geográfica seria importante para a discussão sobre a representação lingüística dos brasileiros, seja em relação a sua língua seja em relação às línguas estrangeiras, sobre a transmissão das línguas, sobre a dinâmica das línguas em contato, para uma posterior definição de política e planificação lingüística no Brasil. A análise realizada nos permitiu, porém, efetuar algumas conclusões, a saber:

De modo geral, a comparação entre os dois municípios investigados mostra uma representação vinculada ao uso e ao contexto lingüístico imediato; a

representação favorável associada à possibilidade de uso faz com que o status de uma língua seja modificado (a diferença de status do francês no Rio e no Oiapoque). Na fronteira com a Guiana Francesa não causa surpresa que o inglês apareça em primeiro lugar como língua mais difícil, e duas razões se mostram relevantes na análise dessa representação: a pouca exposição cotidiana dos moradores do Oiapoque ao idioma (ao contrário do que ocorre no Rio) e o fato de não haver uma regularidade no ensino formal da língua inglesa na escola. No Rio de Janeiro, somente 8,6% dos entrevistados acharam o inglês difícil.

Os centros universitários de línguas, ou mesmo a oferta de línguas estrangeiras na grade curricular dos cursos universitários têm um papel importante para a manutenção dos projetos de cooperação internacional entre as universidades, na mobilidade dos estudantes, contribuindo diretamente para a uma política lingüística em favor do plurilingüismo.

Finalmente, é a partir do conhecimento das necessidades locais (a necessidade dos pesquisadores em publicar em outras línguas, as interações lingüísticas cotidianas nas regiões de fronteira, o uso efetivo das línguas) que podemos evidenciar a necessidade de políticas eficazes para o ensino de línguas estrangeiras assim como sua relevância para a cidadania.

Notas

¹ Fonte: <http://www.traitederome.fr>

² Programas no âmbito da política lingüística européia: Comenius (para as escolas), Erasmus (para o ensino superior), Leonardo da Vinci (para a formação e o ensino profissionais) e Grundtvig (para a educação de adultos). Fonte: http://ec.europa.eu/education/languages/eu-language-policy/index_fr.htm

³ Fonte: <http://www.mercosul.gov.br>

⁴ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm

⁵ Fonte: http://www.cplp.org/Programa_Indicativo_de_Cooperacao.aspx?ID=939

⁶ Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq: `Mapeamento lingüístico na fronteira francófona do Brasil: questões de domínio e uso funcional lingüístico (coord. Mônica Savedra/PUC-RIO). A equipe de trabalho de campo foi constituída também pelos estudantes Marilúcia Marques (mestranda CNPq), Daniela Silva (graduação/IC PUC-Rio), Fabrício Branco (graduação PUC-Rio) e Fabrício Mota (graduação PUC-Rio)

⁷ Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.: www.ibge.gov.br/

Referências bibliográficas

Bourdieu, P. 2001. *Langage et pouvoir symbolique*. Éditions du Seuil.

Calvet, L-J. 1999. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris : Plon.

Calvet, L-J. 2002. *Le marché aux langues. Les effets linguistiques de la mondialisation*. Paris : Plon.

Calvet, L-J. 2009. *Oiapoque /Saint-Georges de l'Oyapoque: effets de marge et fusion des marges en situation frontalière* In Bulot, T (org.) *Formes et Normes sociolinguistique Ségrégations et discriminations urbaines*. Paris : L'Harmattan. pp. 15-40.

Chaudenson, R. 2003. *La Créolisation: théories, applications, implications*. Paris : Institut de la Francophonie/L'Harmattan.

Houdebine-Gravaud, A.-M. 2002. *L'imaginaire linguistique*. Paris : L'Harmattan.

Pereira, T. 2009. Fronteira Oiapoque Saint-Georges: línguas e políticas lingüísticas em contato. In Salgado A.C.P & Barreto, M.M.G.S (Orgs). *Sociolingüística no Brasil: uma contribuição sobre dos estudos sobre linguas de/em contato*. Rio de Janeiro, 7 Letras. pp. 177-189.

Wolton, D. 2006. *Salvemos la comunicación*. Barcelona: Editorial Gedisa.